

Os recursos anisocrônicos e seus efeitos de sentido em “Último capítulo”

Recebido 18, jan. 2005 / Aprovado 30, mar. 2005

Patrícia Alves Cardoso

Resumo

No presente trabalho procuramos observar como os procedimentos temporais atuam na produção de sentidos no discurso machadiano. Para a realização do estudo, analisamos o conto “Último capítulo”, do livro História sem data, de Machado de Assis. Definido o texto, estabelecemos um percurso teórico com fontes distintas na expectativa de observarmos os componentes temporais em termos de investimentos retóricos que implicam em efeitos de sentidos na organização textual. O principal objetivo, da pesquisa, foi o de verificar como os elementos temporais são explorados retoricamente em função de ganhos poéticos e na produção de uma maior ambigüidade no plano de significação.

Palavras-chave: Machado de Assis; contos; efeitos de sentido.

O objetivo desse estudo é verificar como os procedimentos temporais, especialmente os anisocrônicos, atuam na produção de sentidos do discurso machadiano. O conto escolhido para ser analisado foi "Último Capítulo", do livro *Histórias sem data*.

A voz narrativa, inicialmente, parece ser de um enunciador onisciente: "Há entre os suicidas um excelente costume..." (p. 380), que comenta a necessidade dos suicidas de darem "notícias" de sua morte como uma forma de chamar atenção para si e manter, mesmo depois de morto, uma presença momentânea entre os vivos. Porém, esse comentário aparentemente objetivo e imparcial é desmotivado no segundo parágrafo com a inserção do narrador autodiegético. O protagonista que dizia ter o propósito de sair calado para a eternidade anuncia deixar dois escritos: um testamento e uma autobiografia. Os legados deixados são botas novas que deverão ser distribuídas de modo indicado, e a autobiografia é a explicação dessa herança singular. Explicada a necessidade dessa partida pública, o narrador anuncia um incidente, mas não oferece nenhuma informação sobre o mesmo: "Ora, a razão do legado brotou do incidente de há pouco, e o incidente liga-se à minha vida inteira" (p. 381). Em termos de focalização ocorre uma paralipse, pois se passa lateralmente sobre o fato. Com relação à questão temporal, ocorre uma elipse, afinal, o tempo do discurso é anulado por um silenciamento enunciativo. É o protagonista se apresenta, deixando em suspense, que incidente foi esse: "Chamo-me Matias Deodato de Castro e Melo..." (p. 381).

Após instaurar o dia da enunciação: "hoje, 3 de março de 1871" (p. 381), Matias com uma analepse de aproximadamente quarenta e quatro anos conta o primeiro fato que abriu as portas para o caiporismo em sua vida: ter caído de costas e quebrado o nariz com um pedaço de telha despencado do teto.

Seguido a esse recuo temporal, o enunciador volta ao momento da enunciação e anuncia cronologicamente a hora em que se passa o discurso e o tempo marcado para o suicídio: "Não me demoro em outros reveses da infância e da juventude. Quero morrer ao meio-dia, e passa de onze horas" (p. 381). Esse narrador não é digno de confiança, pois, constantemente afirma algo na enunciação e desmente no discurso. O início da narrativa já mostrou isso, afinal, ele critica a urgência do suicida em sair da obscuridade deixando um escrito e logo anuncia a execução da mesma ação, que apesar de justificada não deixa de fazer valer o costume. Nesse ponto do discurso, ele diz que não vai contar os episódios de sua juventude, mas narra-os sumariamente:

Tivesse eu tempo, e contaria pelo miúdo alguns episódios doloridos, entre eles o de umas cacetadas que apanhei por enga-

no. Tratava-se do rival de um amigo meu, rival de amores e naturalmente rival derrubado. O meu amigo e a dama indignaram-se com as pancadas quando souberam da aleivosia do outro; mas aplaudiram secretamente a ilusão (p. 381).

Como podemos notar, apesar de ter dito que não falaria, falou e até deu sua opinião sobre os amigos que saborearam "secretamente" o engano. Portanto, para quem estava com tanta pressa de largar a "pena" e pôr fim à vida, a atitude é incoerente. Continua o parágrafo acelerando o tempo do discurso em relação ao tempo da história. Conta que padeceu "achaques", fala da morte do pai, da mãe e do Cônego Brito. Tudo isso para mostrar a "ação constante do caiporismo" (p. 382).

A narrativa sumarizada não é interrompida, temos notícias de suas dificuldades de órfão, da aquisição do diploma de bacharel em Direito e mais uma vez há uma elipse:

Não me digam que isto foi uma exceção na minha vida caipora, porque o diploma acadêmico levou-me justamente a cousas mui graves; mas, como o destino tinha de flagelar-me, qual quer que fosse a minha profissão, não atribuo nenhum influxo especial ao grau jurídico (p. 382).

É justamente no ponto e vírgula que ocorre o lapso temporal, pois não sabemos que cousas graves são essas, afinal apesar de termos a impressão de que há uma continuidade do assunto (coisas graves), não há, porque o discurso passa a tratar da questão da profissão. E esse procedimento acentua o interesse do leitor pela narrativa, afinal, como diz Meyer (1975, p. 57): "toda a arte de Machado está concentrada nas reticências, no magnetismo das sugestões que enfeitam o leitor."

Seguindo uma linha hipoteticamente cronológica, o narrador conta os azares que vieram aglutinados ao título de bacharel: "a carta de bacharel não me encheu sozinha as algibeiras" (p. 382). Aqui há uma elipse quase irreconhecível. Isto porque se tem a sensação de que o enunciador continua falando das algibeiras cheias, mas não, o assunto é silenciado e só no final da narração sobre o namoro "travado no Rio de Janeiro" em 1842 com uma viúva abastada, é que sabemos que as algibeiras também "enchidas" foram as de um amigo dele que além de conseguir do próprio Matias a quantia de cinquenta mil réis, levou-lhe a viúva rica. É preciso notar que o fechamento desse fato também foi elíptico: "Não tinha comigo os cinquenta mil-réis; [...] não descansei até arranjar-lhos; fui levá-los eu mesmo, entusiasmado; ele recebeu-os, cheio de gratidão. Seis meses depois foi ele quem casou com a viúva" (p. 382). Ao anular esses seis meses do tempo da história, o narrador semeia no enunciatário uma série de suposições sem respostas concretas: Esse dinheiro teria contribuído, de alguma forma, para a união de seu amigo com a viúva? Como foi que se deu a aproximação

dos dois até chegarem ao amor? Enfim, são várias as curiosidades propagadas com o uso desse recurso anisocrônico. Pois, não temos conhecimento da "travessia" da história, só do começo (parcialmente) e do fim que foi a reação de Matias: "Não digo tudo o que então padeci; digo só que o meu primeiro impulso foi dar um tiro em ambos..." (p. 382). Talvez as elipses tenham também a função de ludibriar o leitor, afinal enquanto este fica preso às dúvidas, a questão fulcral vai se desenvolvendo veladamente na trama. Ou seja, aparentemente o importante ficou implícito, mas o que pode ocorrer é o contrário. Isto porque existe a possibilidade de o narrador ter querido mesmo ressaltar sua falta de sorte com mulheres e amigos, afinal é essa a questão fundamental de Matias.

Depois da desilusão amorosa e financeira, o protagonista sumariza sua estada na roça. Acelerando o tempo do discurso ele fala da presença constante do caiporismo em sua vida: "Vilhe o dedo em tudo, nas demandas que não vinham, nas que vinham e valiam pouco ou nada [...]. No fim de algum tempo, ano e meio, voltei à corte, e estabeleci-me com um antigo companheiro de ano: o Gonçalves" (p. 383). Podemos dizer que esse sumário teve a utilidade de economizar tempo e espaço. O importante foi mostrar a constância das coisas ruins em sua existência sem necessariamente ter que entrar em detalhes, pois o mais importante é a presença. Porém, toda essa rapidez narrativa é atenuada no parágrafo seguinte. Ao tratar de Gonçalves, o narrador parece desacelerar, talvez para compreender melhor o que se passou no tempo do "eu" vivido (de então). A focalização externa de Gonçalves nos revela um homem trapalhão, sem destreza para tratar de assuntos mais complexos. O ponto de vista narrativo é um pouco paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que o narrador relata os aspectos negativos do caráter de seu amigo, mostra também que o mesmo possui qualidades compensatórias como: "certa lucidez, com a presteza de compreensão, nos assuntos menos árduos [...], com a facilidade de expor [...] com uma alegria quase sem intermitências" (p. 383). Esse comportamento narrativo não permite ao leitor ter a certeza da proximidade ou não do narrador com relação ao personagem. Portanto, não prevalece nem a neutralidade, nem a parcialidade, o que fica é a ambigüidade da própria opinião enunciativa sobre o colega de ofício. Isso demonstra mais uma vez, a impossibilidade de se confiar nesse narrador que deixa o leitor tão incerto quanto ele mesmo parece estar. E isso é importante para o processo de refiguração da intriga, afinal, "o narrador indigno de confiança desordena essas expectativas, deixando o leitor na incerteza sobre saber até que ponto ele quer, afinal, chegar" (RICOEUR, 1997, p. 281). Partindo desse recurso retórico, a narrativa exerce melhor sua função artística de configuração da trama, pois quanto mais suspeito o narrador,

mais complexa será a intriga. E é através desta que, como defende GOTLIB (1985, p. 80) "Machado fisga o leitor".

Com um sumário, o sujeito da enunciação fala da demanda que propiciou seu casamento com Rufina. Uma moça "bem bonita, embora um pouco acanhada e meia morta" (p. 383). Através de uma paralipse, não temos notícias sobre o romance dos dois, apenas sumariza o fato: "Casamo-nos poucos meses depois" (p. 383). Essa escassez de informações leva o enunciatário a duvidar da existência de um grande amor. A forma como Rufina é descrita demonstra um certo desinteresse amoroso e uma relação baseada na necessidade de uma mulher ter um marido: "Usavam-se maridos; ela queria usar também o seu" (p. 384). E quanto a Matias, tem-se a impressão de que foi vítima de uma armação do pai da moça: "o pai armou-me o casamento para ter um genro doutor" (p. 384). Além disso, o protagonista parece não estar muito satisfeito com as núpcias: "Usavam-se maridos [...]. Nada mais antipático à minha própria natureza; mas estava casado" (p. 384). Resta saber se essa insatisfação era do tempo da história ("eu" vivido) ou do tempo da enunciação ("eu" de agora). Não ter certeza disso, faz com que fiquemos de uma certa forma intrigados. Estamos ressaltando esses movimentos implícitos do discurso, justamente porque nossa intenção é observar o elíptico tanto em termos temporais quanto em relação às outras instâncias narrativas. E como podemos perceber, o conto está repleto de informações latentes geradoras de sentido.

O narrador inicia um parágrafo com o advérbio "felizmente". Mas, logo anuncia que esse indício de alegria na vida de um caipora, na verdade não se concretizaria. O advérbio é utilizado para ilustrar a domesticidade de Rufina: "era modesta, não amava bailes, nem passeios, nem janelas..." (p. 384). O sujeito da enunciação utiliza três parágrafos para focalizar sua esposa. Percebe-se uma disposição em descrever o caráter plácido, quase morto de uma mulher que viria traí-lo no futuro. Talvez essa insistência em "mostrar-nos" Rufina, seja uma maneira de revelar o quanto pode ser ambígua a atitude da personagem e também seria uma maneira de ele hoje, no tempo da enunciação, separado temporalmente dos fatos, compreender melhor a situação. A rigor, o que percebemos é um narrador que busca, constantemente, uma justificativa para aquela união que teve um desfecho tão surpreendente para ele: "Pela minha parte, estava no papel das rãs que queriam um rei" (p. 384).

Usando uma elipse, pois, deixa em silêncio um ano e meio do casamento, Matias fala da gravidez de Rufina. O que poderia ser um motivo de felicidade, não se realizou, afinal, o filho nasceu morto. E quem o consolou foi Gonçalves, o "amigo, comensal e confidente nosso" (p. 384). Como podemos notar, o

enunciador focaliza primeiro Gonçalves, depois Rufina e nesse momento do discurso, volta ao primeiro já o associando à sua esposa: "E alegre sempre. Minha mulher achava-lhe muita graça, ria longamente dos ditos dele, e das anedotas, que às vezes eram picantes demais..." (p.385). Esta cena parece um pouco contraditória referente à descrição feita anteriormente de Rufina, isto porque é um tanto paradoxal uma mulher apática, que bocejava o espírito, mostrar-se tão solícita e viva na companhia do "amigo jovial". O que permite uma continuidade a essa "estranheza", é a mudança ocorrente no comportamento de Gonçalves: Devo dizer que ele mesmo foi se refreando, e dali a algum tempo, comecei a achar-lhe muita seriedade. Estás namorado, disse-lhe um dia; e ele, empalidecendo, respondeu que sim, e acrescentou sorrindo, embora frouxamente, que era indispensável casar também (p. 385).

Com esses fatos, o leitor mais atento começa a desconfiar da situação, fazendo inferências sobre Rufina e Gonçalves. Provavelmente o enunciatário ainda não consegue alcançar o desfecho da história, mas há indícios como o empalidecimento, o sorriso sem graça que são possíveis de serem verificados no discurso como conseqüências de uma atitude, talvez, comprometedora.

O narrador silencia o assunto (a possível paixão de Gonçalves) com uma elipse de cinco meses. E, posteriormente, sumariza a morte de Rufina. O anulamento dos fatos ocorridos na diegese, seguido do aceleração discursivo aumentam a distância que separa o leitor do texto, favorecendo a formação de sentidos.

Com o falecimento de Rufina, a união frouxa sustentada pela "necessidade" e "costume" ganha uma aparência nova. A partir de uma freqüência repetitiva sumarizada, o narrador retoma os fatos da história já contados no discurso, para diferenciar a precariedade do mundo exterior frente à eternidade das coisas misteriosas como a morte:

[...] as telhas caíam com o abalo das redes, as sobrepelizes recusavam-se aos sacristães, os juramentos das viúvas fugiam com os dogmas dos amigos, as demandas vinham trôpegas ou iam-se de mergulho; enfim, as crianças nasciam mortas. Mas a imagem de uma defunta era imortal (p. 385).

Como podemos notar, de todos os eventos recuperados por Matias, ele silencia os que se reportam a Gonçalves e Rufina. Além disso, é possível acreditarmos que o fim do casamento pela morte, deu ao protagonista uma sensação de dever cumprido perante às convenções sociais. Ele conseguiu uma vantagem sobre o caiporismo, tolerou a lassidão do matrimônio até o fim:

Mas a imagem de uma defunta era imortal. Com ela podia desfiar o olhar oblíquo do mau destino. A felicidade estava nas minhas mãos, presa, vibrando no ar as grandes asas de condor, ao passo que o caiporismo, semelhante a uma coruja, batia as suas na direção da noite e do silêncio... (p. 385).

Porém, essa felicidade durou pouco. Cinco meses após a morte de Rufina, portanto, ocorre uma elipse, Matias mexendo nas coisas da falecida teve a grande revelação: "Achei uma multidão de cousas minúsculas [...] e um maço de cartas, atado por uma fita azul. Deslacei a fita e abri as cartas: eram do Gonçalves... Meio-dia!" (p. 385). À descoberta segue o silêncio discursivo, representado pelas reticências, a traição vem sugerida e não narrada explicitamente. O leitor não tem participação do conteúdo das cartas, nem da reação de Matias. E essa elipse, como todas ocorridas nesse conto, atua na produção de efeitos de sentido. Além disso, notamos que o tempo cronológico (meio-dia) marca o momento da enunciação, a hora em que os fatos estão sendo narrados. Subseqüente a esse tempo marcado pelos relógios, vem o que é marcado interiormente: "Ninguém imagina como o tempo corre nas circunstâncias em que estou; os minutos voam como se fossem impérios..." (p. 385).

Mais uma vez o enunciador diz que não vai falar, mas fala, mesmo que sumariamente: "Não conto os bilhetes brancos, os negócios abortados, as relações interrompidas; menos ainda outros acintes ínfimos da fortuna" (p. 385). Nesse sumário há um fato interessante: "as relações interrompidas", teria ele conversado com Gonçalves e conseqüentemente terminado a relação de amizade? Ou, apenas tomou conhecimento das cartas e resolveu guardar consigo a revelação causando seu suicídio? A rigor, pretendemos mostrar que quanto maior a velocidade da narrativa, menores são as informações e maiores as possibilidades de sentido. E esse é o primordial objetivo da nossa pesquisa, provar que são esses recursos temporais os principais responsáveis pela ambigüidade do discurso machadiano, isto porque o sumário e especialmente a elipse substituem a peripécia, favorecendo a arte machadiana singular de arquitetar contos.

Desiludido com a vida, Matias resolve matar-se. Só agora ele chega ao tempo em que decidiu deixar o mundo dos vivos. Trata-se do dia anterior a 3 de março de 1871: "[...] preparei-me desde ontem para o grande mergulho na eternidade" (p. 386).

O protagonista fala no início do enunciado que a verdadeira razão, que justifica a escrita autobiográfica é explicar o testamento, para não parecer insano perante os outros. E que um incidente havia dado ensejo ao legado. Só no final da narrativa é que podemos perceber o discurso enganoso do narrador. Afinal, a história não é das botas como ele deixa aparentar, mas

sim da traição de Rufina, a mulher apática, com Gonçalves, seu amigo. Isto porque o que prevalece no conto é a vida íntima do protagonista, ao passo que o caso das botas não passou de um recurso retórico (explicado em três pequenos parágrafos) para dispersar a atenção do enunciatário. Foi apenas um “pano de fundo”, uma “desculpa” para narrar o que ele de fato queria: “Os superficiais dirão que estou doudo, que o delírio do suicida define a cláusula do testador; mas eu falo para os sábios e para os malfadados” (p. 386). Como vemos, o próprio narrador reproduz pelo menos duas leituras possíveis. Ou seja, a leitura superficial que seria acreditar que a razão do discurso é explicar uma herança insólita; e a que permite notar a real essência da enunciação que é compartilhar com os “sábios” e “malfadados” seu engano amoroso, recebendo o “apoio” crítico e moral. Afinal, ele não deseja guardar consigo a decepção e resolve legá-la aos outros: “Nem colhe a objeção de que era melhor gastar comigo as botas, que lego aos outros; não porque seria o único” (p. 386).

Podemos dizer que o incidente silenciado inicialmente, é o conhecimento das cartas que parece ter sido a causa do pretense suicídio. Dizemos “pretense” porque novamente o que fica é a ambigüidade, pois, como pode alguém que tem como meio-dia a hora marcada para morrer, terminar a narrativa com: “Boa noite”? Matias não teria suicidado? Resolveu morrer mais tarde? Ou seria um indício de insanidade? Enfim, o suicídio, se é que ocorreu, ficou silenciado no discurso, e essa elipse é fundamental para comprovar o que observamos. Machado não constrói suas narrativas seguindo a estrutura rígida do discurso ocorrencial clássico. Enquanto este trabalha em torno da peripécia que apresenta ou uma catástrofe ou o patético, o discurso machadiano exercita a elipse em substituição ao drama e ao ridículo. É o que acontece em “Último Capítulo” e em outros contos de *Histórias sem data*. Além disso, nos contos em geral, espera-se que, pelo fato desse gênero ter como característica uma unidade de ação, o leitor tenha apenas uma impressão, “seja de pavor, piedade, ódio, simpatia, acordo, ternura, indiferença, etc, seja o contrário delas” (MOISÉS, 1993, p. 23). Porém, isso em Machado de Assis é relativo, pois, a plurissignificação de seus textos permite ao enunciatário, a liberdade de significar o ambíguo. Isto porque como reflete Ricoeur sobre a visão de Ingarden, “cada frase aponta para além de si mesma, indica algo a fazer, abre uma perspectiva” (RICOEUR, 1997, p. 288). E quem preenche essa perspectiva é o próprio leitor. Portanto, percebemos o estabelecimento de dialogismos por meio da elipse, o que ocasiona o caráter singular e universal do texto machadiano.

Abstract

In this paper we seek to observe how the use of temporal procedures influences the production of meanings in Machado's discourse. In order to conduct the study, we analysed the short story "Último capítulo" from the book Histórias sem data by Machado de Assis. Having defined the text we established a theoretical method with distinct sources hoping to observe the temporal components from the point of view of rhetorical investments which imply obtaining effects of meanings in the textual organization. The main goal of the research was to verify how the temporal elements are explored rhetorically given the poetic elements and in the production of a more ambiguous understanding.

Keywords: Machado de Assis; stories, sense effects.

Referências

- AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1968.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 3v.
- BARROS, D.L.P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, A. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRAIT, B. *Personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRÉMOND, C. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 109- 135

- CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CHRISTIAN, M. *Essais sur la signification au cinéma*. Paris: Klincksieck, 1968.
- DUBOIS, F. *O ato fotográfico*. Campinas: Papyrus, 1994.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1989.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, [19—].
- JIMÉNEZ, J. G. *Narrativa audiovisual*. Madrid: Catédra, 1993.
- LEITE, L. C. M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, H. *O conto*. Salvador: Progresso, 1958.
- LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 3v.
- MEYER, A. *Machado de Assis: 1935-1958*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.
- MEYERHOFF, H. *O tempo na literatura*. Trad. Myriam Campelo. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
- MOISES, M. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- NUNES, B. *O tempo na narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio. No movimento do sentido*. 4. ed. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1997.
- PROPP, W. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994. tomo I.
- _____. *Tempo e narrativa*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. tomo III.
- RIEDEL, D. C. *O tempo no romance machadiano*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Trad. Heraldo Barbuy. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19—].

SILVA, F. L. Bergson, Proust: tensões do tempo. In: NOVAES, A. et al. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 141- 153.

TODOROV, T. Les catégories du récit littéraire. *Communications, Paris*, n. 8, 1966.

TOMACHEVSKI et al. Temática. In: _____. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 169-204.

WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1948.